

## ORDEM E PROGRESSO, CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE. PERÓN, VARGAS E POSITIVISMO. (Argentina-Brasil, 1930-1955)

Mônica Sol Glik

Máster em História Contemporânea – Universidad Autónoma de Madrid / UAM

**RESUMO:** O trabalho que ora se apresenta visa comparar as respectivas práticas discursivas de Getúlio Vargas e de Juan Domingo Perón. Para isto, cartas, escritos doutrinários e pronunciamentos públicos produzidos por ambos foram comparados entre si, e à luz do pensamento do positivista francês Augusto Comte - a cuja doutrina Vargas aderiu. Parte da pesquisa documental foi realizada na cidade de Buenos Aires, onde também foram entrevistados historiadores argentinos, cuja colaboração facilitou a contextualização do ambiente histórico do período em estudo. Procurando se afastar do conceito de *populismo* enunciado pela sociologia clássica, recusa os seus pressupostos de alienação popular e manipulação das massas por parte de grupos dominantes. Sob uma perspectiva teórica vinculada à Antropologia Cultural, investiga-se a provável existência de um sentimento popular *anti-ilustracionista* na Argentina anterior a Perón, a partir do discurso fundador do modelo de Sarmiento, *Civilização e Barbárie*; por um lado, e de uma construção ideológico-discursiva do positivismo social entre os políticos gaúchos ligados a Getúlio Vargas, pelo outro. Ambos os governos seguiram uma política de conciliação de classes, da qual Perón se afastou em momentos de declarada hostilidade entre setores sociais, entre os quais a Igreja Católica. A leitura das fontes aponta para a mestiçagem das idéias, por processos de circulação e apropriação, sob uma perspectiva na qual as fronteiras são construções históricas. Este trabalho sinaliza para a realização de futuras pesquisas no âmbito da cultura política, e aponta para o interesse na elaboração de estudos comparativos.

**Palavras-Chave:** Perón. Vargas. Positivismo.

## ORDER AND PROGRESS, CIVILIZATION AND BARBARITY. PERÓN, VARGAS AND POSITIVISM. (Argentina-Brazil, 1930-1955)

**ABSTRACT:** This work aims at to compare respective the speeches of Getúlio Vargas and Juan Domingo Perón. For this, doctrinal letters, writings and public uprisings produced by both had been compared between itself, of the thought of the french August Comte - whose doctrine Vargas adhered. Part of the documentary research was carried through in the city of Buenos Aires, where Argentine historians had been also interviewed, whose contribution facilitated the reconstruction of the historical environment of the period in study. Looking for to move away from the concept of Populism enunciated for classic sociology, it refuses its estimated of popular alienation and manipulation of the masses on the part of dominant groups. In accordance with theoretical perspective of Cultural Anthropology, it is investigated probable existence of a popular feeling in Argentina before Perón, from the founding speech of the model of Sarmiento, *Civilization and Barbarity*; and of an ideological-speech construction of the social positivism it enters the politicians on gauchos the Getúlio Vargas. Both the governments had followed one politics of conciliation of class, and Perón if it moved away at moments of declared hostility between social sectors, between which the Catholicism. The reading of the sources points with respect to the *mixture* of the ideas, for processes of circulation and appropriation, in accorded with the perspective in which the borders are historical constructions. This work signals for the accomplishment of future research in the scope of the culture politics, and points with respect to the interest in the elaboration of comparative studies.

**Key-Words:** Perón. Vargas. Positivism.

## Introdução

Recentemente editado, o trabalho de dois historiadores, o argentino Fernando Devoto e o brasileiro Boris Fausto, se propõe a lançar novos questionamentos para a história comparada entre Brasil e Argentina. A introdução do livro fornece algumas pistas sobre a base teórica proposta, que remete à tradição dos Annales em referência a March Bloch, para quem o comparativismo seria um instrumento estreitamente vinculado à prática do historiador, e não um procedimento teórico. Segundo os autores, Bloch sugeria dois requisitos para isto: certa similaridade nos elementos observados e certa dessemelhança entre os ambientes em que eles ocorriam. Somente essa combinação permitiria uma comparação frutífera de semelhanças e diferenças. O campo de estudo podia ser delimitado dentro ou fora de unidades políticas homogêneas. A partir daí, Bloch recomenda trabalhar com sociedades próximas no tempo e no espaço, que exercessem mútua sugestão. (DEVOTO e FAUSTO, 2004, pp. 9-13).

Estas tentativas poderiam apresentar riscos, como confundir elementos que devem ser explicados autonomamente com os que deveriam ser entendidos em conjunto com outra sociedade, e vice-versa. Da mesma forma, poderiam induzir indesejáveis determinismos sócio-econômicos, tão afetos a idéias evolucionistas que desde já descartamos. Por outro lado, semelhanças estéticas poderiam levar a reduzir problemas complexos, ao aproximar, por exemplo, o Trabalhismo de Getúlio Vargas com o Justicialismo de J.D.Perón. Alguns historiadores brasileiros conseguiram aprofundar seus estudos a partir de comparações, como José Murilo de Carvalho (1981), que investigou as transformações experimentadas pelas antigas colônias portuguesas e espanholas, respectivamente. Também para Salgado Guimarães (1986, p.6) são úteis os termos de comparação, quando se trata de analisar a construção do ideal de *nação brasileira*. Sérgio Buarque de Hollanda (1995), no quarto capítulo de *Raízes do Brasil*, compara os modelos de colonização portuguesa e espanhola. Recentemente, alguns países da América Latina optaram por governos chamados de *populares*, situação que propiciou um sem-fim de comentários na imprensa internacional, críticas e elogios de políticos, tomada de posições aqui e ali, análises as mais diversas de intelectuais, acadêmicos e livre-pensadores. Em todos os casos, os analistas consideram haver uma *tendência* nesta parte do continente americano, um *processo*. Tanto para simpatizantes como para opositores, o termo que pareceu ser mais indicado para classificar estes governos foi o de “populismos”.

Assim, caberiam nessa expressão as figuras do presidente boliviano Evo Morales, a do

venezuelano Hugo Chávez, a do brasileiro Lula, o argentino Nestor Kirchner e o uruguaio Tabaré Vázquez. Em um segundo momento – já repostos todos do susto ocasionado pelo anúncio de Morales de que iria nacionalizar o gás na Bolívia – analistas e intelectuais começaram a separar as coisas. Haveria, pois, um populismo moderado, outro radical. Os governos de Argentina, Brasil e Uruguai estariam no primeiro grupo. Já os presidentes de Bolívia e Venezuela – exaustivamente fotografados junto a Fidel Castro – alinhavam-se claramente dentro do segundo.

### **Para um Estudo de Cultura Política**

O tema dos populismos tem resultado bastante fértil no âmbito da produção intelectual brasileira, e a própria noção do termo já suscitou uma diversidade de opiniões. Sob uma perspectiva teórica clássica da Sociologia Política brasileira, Francisco Weffort (1998) oferece nos anos 70 do século XX uma definição de "populismo". Segundo o sociólogo, este seria um *fenômeno de massas*, típico das regiões atingidas pela intensificação do processo de urbanização, pautado por uma relação entre os indivíduos e um poder político exercido por um líder carismático e paternalista, em contato direto com os indivíduos reunidos na massa. Sob essa perspectiva, tal dominação carismática devia ser compreendida como uma expressão política de interesses determinados de classe. O autor percebe uma ambigüidade dada nesta relação, em que os grupos dominantes exercem a manipulação das “massas”, e estas agem exercendo uma pressão na direção de suas reivindicações. O papel das massas seria então, passivo. Apesar de advertir sobre a necessidade de perceber as individualidades específicas, Weffort vê as classes populares como uma massa homogênea. Esta perspectiva teórica da sociologia apresenta alguns problemas. Em primeiro lugar, porque corresponde a uma visão estruturalista que encerra o problema dentro de uma dimensão apenas econômica. Assim, perdem-se de vista as subjetividades em ação, ao se excluir da análise todo um conjunto de manifestações simbólicas provavelmente presentes. Depois, porque a própria definição de “massa” se apóia em um pressuposto de homogeneidade cultural do qual este trabalho prefere se afastar. Por fim, porque essa idéia de “passividade” nos sugere que o exame se afirme numa pretensa superioridade de classe, capacitada para a liderança e a análise. Poderia se acrescentar, ainda, que esse tipo de classificação *imobilizadora* das classes populares não tem se mostrado muito útil para o avanço das discussões.

Na busca de novas perspectivas teóricas, Rioux e Sirinelli (1998), indagam as possibilidades da *cultura política*, como alternativa à História Política. No conjunto como um

fenômeno individual, interiorizado pelo homem, e como fenômeno coletivo, partilhado por grupos numerosos. Na clave desta história cultural, trabalhos como os de Jorge Ferreira (1997), Ângela de Castro Gomes (1988) e Joel Wolf (1994) demonstraram a viabilidade de se pensar as conexões entre o povo brasileiro e a figura de Getúlio Vargas como formas negociadas de relacionamento.

Assim como tentamos nos afastar da visão de “povo” como massa homogênea e manipulável, advertimos a necessidade de diferenciar individualidades e ambientes culturais. Pensamos, por tanto, que comparar governos entre si apenas no intuito de atribuí-lhes uma fácil – porém incerta – analogia pode reduzir as análises de situações complexas a simples denominadores comuns. Termos freqüentemente utilizados na mesma ordem, como *popular*, *populista*, *populismo*, acabam, por força destas simplificações, dentro de uma mesma categoria na que muitos analistas pretendem encerrar os fantasmas do fascismo, como que conjurando assim a sua ameaça latejante.

No nosso caso próximo, algumas semelhanças entre os governos de Getúlio Vargas e o de Juan Domingo Perón sugerem interessantes comparações: os mesmos inimigos (as oligarquias de cada país), as mesmas ameaças (o comunismo), uma base política estabelecida por um *Pacto Social* (também chamado de *Terceira Via*) entre a burguesia detentora dos meios de produção e o proletariado, dono da força produtiva. Nacionalismo, estatização e Lei trabalhista. E uma forte propaganda estatal, comparada por Maria Helena Capelato (1998), trabalho que identifica diferenças na estética de propaganda utilizada por cada um desses regimes.

Parece-nos, assim, que tentar igualar por definição o trabalhismo de Getúlio Vargas, fundador de um modelo de conciliação social, ao complexo divisor de águas que o peronismo configura para a sociedade argentina, seria reduzir demais o problema. Da mesma forma, não poderíamos definir por semelhança as figuras dos presidentes Evo Morales e Hugo Chávez, cada um respaldado por biografias pessoais tão diferentes, e operando em países de processos históricos tão diversos. O próprio peronismo nunca tem sido igual a si próprio, defensor e demolidor do estado de previdência, estatizador e privatizador ao longo de mais de sete décadas de paroxismos ideológicos<sup>1</sup>.

Optamos por pensar que havia uma circulação de idéias, um *contágio* entre estes regimes, que os governos de Mussolini, Hitler e Franco se influenciavam entre si, e que

---

<sup>1</sup> Ver: HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

Vargas e Perón não foram simples versões latinas do fascismo europeu. Diferente disto, suas figuras – independentemente do indiscutível carisma individual de cada um – se corresponderiam com as expectativas construídas por fortes setores de cada sociedade. Avançando um pouco mais nessa direção, pensemos na circulação de idéias entre países vizinhos.

A partir da última década do século XX, a globalização e a formação de mercados regionais trouxeram à tona a discussão sobre o conceito de fronteira. Cada vez mais, os debates giram em torno da necessidade de se tratar a questão sob aspectos não apenas econômicos, mas culturais. Historicamente construídas para a definição de identidades nacionais, tais fronteiras foram sempre transgredidas pelo constante fluxo de idéias. Homi Bhabha (1998, p. 21) propõe que o local da cultura é como um entre - lugar *deslizante, marginal e estranho*, capaz de *desestabilizar essencialismos, de estabelecer uma mediação entre a teoria crítica e prática política*. O pensador indo-britânico nos alerta sobre as dificuldades de se pensar as fronteiras como divisas de identidade cultural ou ideológica. Na mesma direção, intelectuais de Brasil, Uruguai e Argentina trabalham com uma noção de *contrabando cultural* (LEENHARDT, 2001).

Alguns trabalhos relatam a circulação do ideário positivista entre intelectuais de Uruguai, Brasil e Argentina, principalmente na região nordeste desta última, onde se aproxima da fronteira física com Brasil. Na província de Corrientes, a publicação *La Escuela Positiva*, comentava já em 1898 o intercâmbio de idéias e materiais com positivistas brasileiros. Foram encontradas, entre suas páginas, a reprodução de uma carta de Comte, tomada do Boletim do Apostolado Positivista do Brasil, assim como a inclusão de uma matéria da Revista Pedagógica do Rio de Janeiro, onde se menciona a escola correntina como um exemplo dentro do contexto educacional argentino.

Segundo Alfredo Bosi, entre o Rio Grande do Sul e os seus vizinhos, uruguaios e argentinos, se formaram grupos que pressionavam por um Estado forte, capaz de atender às novas demandas econômicas e administrativas que se configuravam em fins do século XIX, a partir das mudanças na economia agro-exportadora, agora voltada para a policultura e o mercado interno. Tais semelhanças teriam criado condições parecidas aqui e ali para um projeto político similar nesses três países do sul. E teria sido na doutrina social de Comte onde estes políticos teriam encontrado o alicerce filosófico necessário a tais fundamentos. (BOSI, 1992, pp. 273-307).

Bosi nos informa que as mesmas leituras do Positivismo comtiano que inspiraram a base de pensamento dos políticos gaúchos liderados por Júlio de Castilhos alimentavam o

ideário do uruguaio Battle e do argentino Hipólito Yrigoyen. Este último, fundador da Unión Cívica Radical (UCR), foi um líder político de grande transcendência, e presidente por duas vezes da Argentina. Aqui começa a formulação do problema que este trabalho visa compreender.

Após a morte do seu fundador, a UCR se constituiu na clássica oposição ao peronismo<sup>2</sup>. Por ocasiões, setores conservadores da sociedade se aproximaram dos *radicales* – como se chamam os seus membros – para consolidar a luta contra o que viam como a *barbárie* que tomava conta do país. A esta oposição se somaram também os setores ilustrados, acentuando uma situação binária. Os discursos mais radicais de Juan Perón, que apontavam entre os seus inimigos esses setores ilustrados, encontravam ampla recepção entre os trabalhadores argentinos, mas também no enorme contingente de mestiço-indígenas do interior das províncias, que a intelectualidade acadêmica das primeiras décadas do século XX, tomada pelo pensamento spenceriano, considerava ser um fator de *atraso*.

As práticas discursivas derivadas das apropriações do darwinismo social sustentavam o pensamento de Domingo Faustino Sarmiento. O seu livro *Facundo: Civilización o Barbárie*, definia a cidade como o lugar da civilização, a barbárie estava no campo argentino, no interior, habitat de índios, gaúchos e mestiços.

A dicotomia *Civilização ou Barbárie* está presente entre os intelectuais argentinos, a partir das reflexões de Sarmiento. Encontra-se nas obras de Ezequiel Martínez Estrada (1948), Héctor Murena (1965) y Bernardo Canal Feijó (1931). Entre os mais recentes, Fermín Chávez (1974), Juan José Sebreli (1992), Graciela Scheines (1993) y Juan José Saer (1991). A leitura de *Facundo* nos ajuda a pensar que a discursiva de Perón encontrou eco nas classes postas de lado por um projeto de sociedade que insistia em se construir segundo um modelo de civilização “biologicamente” hierarquizado. Vale lembrar as violentas manifestações populares inspiradas pelo lema lançado por alguns grupos peronistas: “Alpargatas sim, livros não”, consigna que colocava simplificadamente em pauta o pressuposto de uma erudição ao serviço de “interesses antinacionais”. Todavia, é importante matizar alguns aspectos. O historiador argentino Fernando Devoto comenta, em entrevista concedida especialmente para este trabalho, que esse imaginário “plebejista” era alimentado muito mais por Eva Perón que

---

<sup>2</sup> Os *radicales*, militantes da UCR, foram várias vezes responsabilizados pelos peronistas de atentados contra seus comícios. O próprio Perón os acusou pela morte de cinco pessoas por ocasião de um ato público, em 1953. O episódio oportunizou o slogan “*cinco por uno: no va a quedar ninguno*”, ameaça recorrente nos atos peronistas da época, que passaram a chamar aos militantes da UCR de “*gorilas*”, termo usado para apelidar aos setores mais conservadores da sociedade.

pelo seu companheiro. Ainda segundo o historiador, Perón era um liberal, por questões mais políticas do que filosóficas, e ambicionava apresentar o seu projeto como *superador* da antinomia capital-sociedade.

Permitimo-nos, assim, pensar que talvez fossem os peronistas, e não Perón, os que conferiam um sentido anti-ilustracionista aos seus discursos, como uma forma de apropriação, da qual, na outra ponta, participavam também os seus opositores. Como por exemplo, os escritores argentinos Silvina Ocampo, Jorge Luis Borges<sup>3</sup> e Bioy Casares, entre os mais destacados de um grande grupo de intelectuais conservadores reunidos na revista *Sur*. Também escritores posicionados à esquerda, como Júlio Cortazar, se manifestavam contra o peronismo<sup>4</sup>. Para Tomas Eloy Martínez (1995), los argentinos que se creían depositarios da civilización, veían en el peronismo una resurrección obscena de la barbarie.

Muito diferente parece ser a relação que Getúlio Vargas mantinha com os intelectuais brasileiros, convidados a participar no seu projeto de construção do estado nacional. Flávia Fiorucci (2006) analisa a relação dos intelectuais brasileiros com o ministro de Vargas, Gustavo Capanema, que gestionou a fundação da USP (1934), a criação do SPHAN, a inauguração do Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Imperial, o da Inconfidência; o Serviço de Radiodifusão Educativa, o Instituto Cayru (depois Instituto do Livro) e o Instituto de Cinema Educativo. Também foram reformadas a Biblioteca Nacional, a Casa de Rui Barbosa e o Museu Histórico Nacional. Ademais, receberam grande apoio os pintores Lasar Segall e Candido Portinari. Segundo Ângela de Castro Gomes (1988, p. 137), se entendia que o progresso social de um povo era material, mas também era de “civilização”, principalmente, porque se sustentava que o acordo entre a “política” e a sociedade não se faria sem a cooperação dos intelectuais. A inclusão destes seria, assim, de decisiva importância para o projeto político de Getúlio Vargas. Em contraste, Perón prescindiu deles na formulação do seu governo, y poucos foram os que lhe apoiaram, com destaque para Leopoldo Marechal e Raúl Scalabrini Ortiz. Os sectores ilustrados da sociedade portenha se posicionaram contra o peronismo desde o início, atribuindo sua exitosa acolhida entre os setores populares aos pressupostos da “barbarie”.

---

<sup>3</sup> Perón, pouco depois de assumir a Presidência, nomeia o até então diretor da Biblioteca Nacional, Jorge Luis Borges, para o posto de “*inspetor de aves e coelhos nos mercados públicos*”, degradação incontestável que provocou a renúncia do escritor. Muitos atribuem ao episódio o conto “*A espera*” do seu livro “*El Aleph*” (Buenos Aires: EMECE, 1986), assim como a versão, adaptado ao peronismo, que escreve junto com Bioy Casares do relato *Matadero* de Echeverría, *La Fiesta del monstruo*. Borges somente voltou a dirigir a Biblioteca Nacional em 1955, após a saída de Perón, e permaneceu no seu cargo até 1973, ano em que Perón retornou do exílio.

<sup>4</sup> Particularmente o conto *Casa Tomada*. (Buenos Aires: Editorial Minotauro, 1969).

## Entre a Espada e a Palavra

Segundo Fernando Devoto (Ibidem, p.31), o peronismo e o getulismo se influenciaram mutuamente. As características do justicialismo estariam presentes na ala esquerda do getulismo, e mais tarde no PTB. Ademais, Perón e Getúlio manifestavam mútua admiração. Nas palavras do argentino, Vargas era o “ilustre presidente, que nessa parte de América é o antecessor de todas as nossas inspirações de grandeza, liberdade e glória para o nosso país”<sup>5</sup>. Por sua vez, Getúlio Vargas expressa diretamente a Perón sua “marcada simpatia e admiração”<sup>6</sup>.

Todavia, as relações entre os dois não foram muito intensas durante o período em que ambos coincidiram no poder. Ainda segundo Devoto, uma aproximação ao peronismo, demonizado pela direita brasileira, teria para Getúlio um custo político muito alto; e isso teria levado a Vargas a rechaçar o Pacto de Santiago<sup>7</sup>. Em discurso aos seus pares, Perón se queixa sobre as desculpas de Vargas, que teriam frustrado o tratado: “me disse que a situação dele é muito difícil, que politicamente não pode dominá-la, que tem os políticos em contra; que o comunismo está muito perigoso, e que ele não tem conseguido fazer nada, enfim, pede desculpas” (tradução nossa)<sup>8</sup>.

Perón era um homem das Forças Armadas, e como tal, a sua ação política operaria dentro de uma dialética de táticas e estratégias. Visto deste modo, um pacto como o ABC, de unidade entre três países detentores dos recursos primários (Argentina, Brasil e Chile) seria de enorme importância estratégica. A sua famosa frase “O ano 2000 nos encontrará unidos ou dominados” transmite sua convicção na urgência da unidade econômica e política de América Latina, a partir da qual os conflitos internos se eliminariam pela condução vertical. Também critica o caráter conciliatório da política interna de Vargas, quem “nomeou um gabinete de conciliação, ou seja, nomeou um gabinete onde pelo menos as três quartas partes dos ministros eram inimigos políticos dele” (tradução nossa)<sup>9</sup>. Até que ponto esses dois políticos compartilhariam dos mesmos princípios ideológicos? Perón se reconhecia a si próprio como

---

<sup>5</sup>Agradecimento a jornalistas brasileiros. Buenos Aires, 21 de setembro de 1947. Arquivo: Partido Justicialista de La Província de Buenos Aires.

<sup>6</sup> Carta de Getúlio Vargas a Juan Domingo Perón. São Borja, 11/03/1950. Arquivo CPDOC-FGV.

<sup>7</sup> Projeto de aliança entre Argentina, Chile e Brasil, idealizado por Perón, conhecido como “ABC”.

<sup>8</sup> PERÓN, Juan Domingo. Pronunciamento na Escuela Nacional de Guerra. Buenos Aires, 11 de novembro de 1953. Arquivo: Partido Justicialista Bonaerense.

<sup>9</sup> PERÓN, Juan Domingo. Buenos Aires, 11 de novembro de 1953. Arquivo: Partido Justicialista Bonaerense.



um militar, e em suas palavras parece encarar a sua vida política como uma missão marcial, tal como manifesta no seu discurso público de renúncia á investidura militar<sup>10</sup>.

Ainda ao considerar que as idéias positivistas chegadas de Europa puderam ter sido apropriadas e readaptadas por Getúlio, percebe-se certa literalidade entre os seus escritos e os de Augusto Comte. Sempre procurando integrar todos os setores em uma sociedade orgânica, Getúlio também mantinha relações harmoniosas com os militares – mesmo em momentos próximos a sua renúncia, em 1945 – mas não se manifestava como parte delas. Muitas vezes negou ter havido conflitos com os militares<sup>11</sup>. Meses antes das eleições de 1950, insistia na integração harmoniosa com as Forças Armadas, nas quais afirmava confiar, pois “Elas vêm do povo, e o seu dever é manter a ordem, defender a nossa soberania, respeitar a lei e cumprir a Constituição”<sup>12</sup>. Alguns dias depois, Perón também falaria sobre a integração social das Forças Armadas. Em discurso perante a Assembléia Legislativa, reafirma o caráter da sua própria missão como articulador da unidade nacional<sup>13</sup>. Ficava, assim, legitimado o caráter redentor da missão histórica do contragolpe de 4 de junho de 1943, em que Perón participou como integrante de um grupo de oficiais reunidos numa espécie de loja, chamada G.O.U (Grupo Oficiais Unidos), de orientação nacionalista.

As críticas de Getúlio apontam para a fragilidade da Constituição liberal, a qual seria incapaz de proteger às instituições que ele considera fundamentais contra a ameaça de ideologias estranhas – provavelmente o comunismo. O governo, antes do golpe de 1930, estava “manietado pelo liberalismo da Carta Política, obrigado a assistir impassível a execução dos planos com que se pretendia converter (o Brasil) em campo de experiências sociológicas”<sup>14</sup>. Augusto Comte, também critica o “nocivo” sistema eletivo popular, que seria o responsável pela “dispersão anárquica de Ocidente” (COMTE, 2003, p. 139). Esse rechaço ao sistema eletivo está também presente nas falas de Perón, cujos opositores acusavam de se valer falazmente de conceitos como democracia e liberdade<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> PERÒN, Juan Domingo. Discurso aos trabalhadores argentinos. Buenos Aires, Plaza de Mayo, 17 de outubro de 1945. Arquivo: Partido Justicialista Bonaerense.

<sup>11</sup> Nota, proclamações e mensagens de Getúlio Vargas ao povo gaúcho e brasileiro. Rio de Janeiro, 30/10/45. Arquivo: CPDOC-FGV. Classificação: GV c 1945.10.29/2.

<sup>12</sup> Rascunho de manifesto de Getúlio Vargas ao povo brasileiro, intitulado "Levai-me Convosco". São Borja, 19/04/1950. Arquivo: CPDOC-FGV. Classificação: GV c 1950.04.19/3.

<sup>13</sup> PERÒN, Juan Domingo. Mensaje a la Asamblea Legislativa. Buenos Aires, 1º de maio de 1950. Arquivo: Partido Justicialista Bonaerense.

<sup>14</sup> VARGAS, Getúlio. Estudos para discursos sobre a legislação brasileira. Rio de Janeiro, 08/09/1950. Arquivo: CPDOC-FGV, Classificação: GV CE 1950.

<sup>15</sup> PERÒN, Juan Domingo. Discurso para o Dia do Trabalho. Plaza de Mayo, Buenos Aires, 1949. Arquivo: Partido Justicialista Bonaerense.

## Considerações Finais

Para Michael Foucault (2005), os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se sucedem, mas que também se ignoram ou se excluem entre si. Sob esta percepção, os pronunciamentos de Perón não podem ser vistos em progressão, já que não se situam em uma linearidade previsível; o público participa do pronunciamento, invadindo o discurso e modificando o seu rumo. Perón parece dialogar com a multidão, em um estilo muito particular.

Mesmo nos momentos de maior conflito político, as práticas discursivas de Getúlio podem ser consideradas moderadas se comparadas às de Perón. Para além das palavras e dos gestos, há que se considerar também o cenário em que Perón se dirigia ao público, como ele mesmo sublinhava, “esta histórica Plaza de Mayo”. Local de grande conexão cívica para a sociedade argentina, a *Plaza* foi o cenário da revolução de 1810, que marcou o início das lutas pela independência e pelo fim da monarquia. Nos livros didáticos, a figura do “Cabildo Aberto” e a frase “O povo quer saber de que se trata” transferem a imagem de uma primeira participação popular nos assuntos de governo. Verídica ou não, pouco importa, a imagem sela um compromisso simbólico entre os argentinos e a política. Vale lembrar o pensamento de Michel de Certeau, para quem *uma maior autonomia não preserva o leitor, pois é sobre o seu imaginário que se estende o poder dos meios*. (2003, p. 272). De todas as formas, isto de nenhuma maneira deve ser visto como uma afirmação da exclusividade de Buenos Aires na participação popular, já que são numerosos os episódios em que a mobilização popular se originou nas províncias.

Apesar dos elementos comuns aos regimes em estudo, a comparação entre os mesmos evidencia grandes peculiaridades. As leituras dos escritos, manifestos e pronunciamentos produzidos por Getúlio e Perón nos permitem pensar em dois personagens muito diferentes. Perón era um homem das Forças Armadas, católico confesso, e de extração social vinculada às classes menos privilegiadas. Já Getúlio tinha a sua origem ligada a setores da oligarquia, e construiu a base do seu pensamento político a partir das matrizes filosóficas do Positivismo. Se as suas biografias pessoais eram tão diversas, não menos diferentes eram os ambientes em que operavam. Entre Perón e um influente grupo de intelectuais de Buenos Aires se consolidava um ambiente de mútuas hostilidades, muito diferente das relações de reciprocidades que o seu par brasileiro mantinha com artistas e intelectuais do Brasil.

Outras percepções dizem a respeito dos ambientes populares, em cujo interior se evidenciava uma adesão majoritária a Perón. Futuros trabalhos poderão investigar as formas

de subjetividades presentes entre aqueles que foram empurrados ao outro extremo da oposição proposta por Sarmiento, já que a maioria dos trabalhos e escritos literários consultados foram produzidos dentro do âmbito daqueles que se colocam no lugar da “civilização”. Mesmo que Perón tentasse fugir dessa dialética *amigo-inimigo*, um ambiente de simbolismos historicamente construído parecia-lhe ultrapassar, e muitas vezes as suas práticas discursivas se alimentavam dessas hostilidades. Cabe aqui uma reflexão sobre a forma em que as manifestações populares influenciavam os seus discursos, o que sugere uma possível circularidade de idéias, gestos e palavras; entre público e orador. Proponho aqui uma visão alternativa aos enunciados clássicos da sociologia – segundo os quais os governantes carismáticos teriam uma *influência dominadora* sobre o povo – permitindo-nos pensar na possibilidade de uma inversão: teria os aplausos, cantos e tambores da multidão tal influência sobre o orador? Alguns trechos de discursos de Perón sinalizam para esses questionamentos.

Os enunciados positivistas, a partir dos quais Vargas traçou o seu projeto de governo, encontraram adesão na Argentina justamente nos setores onde era maior a oposição ao peronismo. Este é o ponto que, a meu ver, sinaliza para a complexidade do problema, pois permite perceber significativas diferenças entre os personagens em estudo. Vargas, Perón, argentinos e brasileiros operavam em ambientes sociais e culturais diferenciados, historicamente construídos. Todavia, a circularidade cultural entre Argentina e Brasil oportunizou a mestiçagem das idéias e a mútua influência.

A aliança entre antropologia e história tem facilitado uma difícil tarefa. As novas noções de mestiçagem e hibridizem permitem avançar nestas questões, sob a perspectiva de que os valores e as idéias transitam, atravessando as fronteiras políticas e exercendo mútua sugestão entre povos e governos.

Argentinos e brasileiros compunham cenários sociais diferentes. As imagens de participação popular, com grandes multidões em cena, parecem compartilhar da cor de uma época. No entanto, ao aproximar o foco, aparentes analogias se desmancham em dessemelhanças. Tal percepção nos alerta a evitar paralelismos mecânicos, muitas vezes baseados apenas em dados estatísticos, ou mesmo em coincidências estéticas.

Uma última consideração se faz necessária. A seleção das fontes, a escolha dos excertos, a ordem das citações, a opção pela ênfase: são estes os aspectos que fazem de cada pesquisa uma versão da História. Como esta, que aqui se apresenta.

## REFERÊNCIAS

### Arquivos e Fontes Documentais

Archivo del Partido Justicialista de la Provincia de Buenos Aires.

Biblioteca del Congreso. Colección Juan Domingo Perón. Buenos Aires.

CPDOC-FGV. Rio de Janeiro. Arquivo Virtual.

Instituto Nacional Juan Domingo Perón. Buenos Aires.

### Entrevistas Realizadas

DEVOTO, Fernando. Professor titular de Teoria e Historia da Historiografia; diretor do Programa de Investigações sobre Historiografia Argentina no Instituto Ravignani da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad de Buenos Aires. Escreveu, em co-autoria com o historiador brasileiro Boris Fausto, o livro *Brasil e Argentina. Um ensaio de historia comparada*. (1850-2002). SP: Editora 34, 2004. Entrevista realizada em Buenos Aires, em 31/04/2006.

HOROWICZ, Alejandro. Profesor titular da cátedra *Los cambios en el sistema político mundial*, do curso de Sociología da Universidad de Buenos Aires. Colunista de vários jornais e publicações na Argentina. Seu livro *Los cuatro peronismos*, é considerado um clássico do pensamento nacional na Argentina. Entrevista realizada em Buenos Aires, em 29/04/2006.

### Fontes Literárias

BORGES, Jorge Luis. *El Aleph*. Buenos Aires: EMECE, 1996.

BORGES, Jorge Luis. *Elogio de la sombra*. Buenos Aires: EMECE, 1996.

CORTÁZAR, Julio. *Casa Tomada*. Buenos Aires: Editorial Minotauro, 1969.

GUIDO, Beatriz. *El Incendio y las vísperas*. Buenos Aires: Losada, 1965.

### Bibliografia

ARAÚJO, Maria Celina de. Nos braços do povo: A segunda presidência de Getúlio Vargas. In: *As Instituições na era Vargas*. RJ: Ed. UERJ; Ed. FGV, 1999.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

CANAL FEIJOÓ. *Sol alto*. Buenos Aires: *La Facultad*, 1931.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: A elite política imperial*. Brasília: EDUNB, 1981.

CERTEAU, Michel de. Artes de fazer. *In: A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAVEZ, Fermín. *Civilización y barbarie en la historia de la cultura argentina*. Buenos Aires: Teoría, 1974.

COMTE, Augusto. *La Filosofía Positiva*. México: Porrúa, 2003.

DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris. *Brasil e Argentina: ensaio para uma história comparada*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FIORUCCI, Flávia. *Aliados o enemigos. Los intelectuales en los gobiernos de Vargas y Perón*. Estudios disciplinarios de América Latina y el Caribe, volumen XV, nº 2. Disponível em: [www.tau.ac.il/eial/XV\\_2/fiorucci.html](http://www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html). Acessado em: 23/05/2006.

FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso*. Barcelona: Tusquets, 2005.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa das culturas. *In: A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *Historia e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEENHARDT, Jacques. Texto apresentado no 1º Encontro Fronteiriço Culturais. Publicado na *Revista de Literatura CULT*, nº. 45. São Paulo, abril de 2001.

MARTINEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Buenos Aires: Planeta, 1995.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel: *Muerte y transfiguración de Martín Fierro. Ensayo de interpretación de la vida argentina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1948.

MURENA, Héctor. *El pecado original de América*. Buenos Aires: Sudamericana, 1965.

PESAVENTO, Sandra. . *História comparada de cidades em mundos de fronteiras*. Projeto apresentado no II Encontro de Fronteiras Culturais. Porto Alegre, novembro de 2003. Resumo disponível em: [http://www.celpcyro.org.br/revista\\_intESP3.htm](http://www.celpcyro.org.br/revista_intESP3.htm). Acessado em: 22/05/2006.

PEZAT, Paulo. *Auguste Comte e os fetichistas: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-Grandense e a política indigenista na República Velha*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, setembro de 1997.

PRADO, Maria Lígia Coelho. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: Civilização e barbárie*; tradução de Jaime Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Prólogo à versão brasileira.

RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luis. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_ 1988.

SCHEINES, Graciela. *Las metáforas del fracaso: desencuentros y utopías en la cultura argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 1993.

SEBRELI, Juan José. *El Asedio a la Modernidad: Crítica del Relativismo Cultural*, Barcelona, Ariel, 1992.

SAER, Juan José. *El río sin orillas*. Buenos Aires: Alianza, 1991.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: Civilización y Barbarie*. Buenos Aires: EMECE, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças - cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TERÁN, Oscar. *En busca de la ideología argentina*. Buenos Aires: Catálogos, 1986.

THOMPSON. Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WOLF, Joel. “Pai dos Pobres” ou “Mãe dos Ricos?” *Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH / Marco Zero. Volume 14, nº 27, 1994, pp. 27-60.

ZEA, Leopoldo. *El Positivismo en México. Nacimiento, apogeo y decadencia*. México: FCE, 1970.

Mônica Sol Glik  
E-mail: [solglk@yahoo.com.br](mailto:solglk@yahoo.com.br)

Entrada: 17/08/2006  
Aprovado: 31/07/2007